

Escolhas possíveis: trajetórias e expectativas de estudantes brasileiros no sistema privado lucrativo de ensino superior.

Renata Mourao Macedo.

Cita:

Renata Mourao Macedo (2017). *Escolhas possíveis: trajetórias e expectativas de estudantes brasileiros no sistema privado lucrativo de ensino superior*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/982>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Escolhas possíveis: trajetórias e expectativas de estudantes brasileiras em uma faculdade privada em São Paulo

Renata Mourão Macedo

renatagmourao@hotmail.com

USP

São Paulo/Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Resumo:

O texto apresenta uma breve reflexão sobre a temática das escolhas no ensino superior. Para isso, tem como referência trajetórias e expectativas de mulheres estudantes em um curso de Pedagogia em uma faculdade privada em São Paulo, sendo a primeira geração de suas famílias a cursar ensino superior. Após uma breve reflexão sobre a noção de escolhas nos processos educacionais nas ciências sociais, reflito sobre a temática da pesquisa em andamento, baseada em entrevistas e conversas com 13 estudantes. No que se refere às expectativas das estudantes em relação às suas escolhas, argumento que conciliam “narrativas pragmáticas” com “narrativas vocacionais”: se, por um lado, não querem abrir mão do sonho de “trabalhar na área” e, assim, exercer as habilidades e aptidões que percebem em si, por outro lado, conciliam essas expectativas com uma dimensão pragmática, baseada em experiências prévias de trabalho na área e na acessibilidade dos cursos.

Abstract:

The paper presents a brief reflection on the theme of choices in higher education. For this, the paper has as a reference trajectories and expectations of women students in a Pedagogy course at a private college in São Paulo, being the first generation of their families to attend higher education. After a brief reflection on the notion of choices in educational processes in the social sciences, I reflect on the topic of ongoing research, based on interviews and conversations with 13 students. Concerning students' expectations about their choices, I argue that they reconcile "pragmatic narratives" with "vocational narratives". If, on the one hand, they do not want to give up the dream of "working in the area" and exercise the skills and aptitudes they perceive in themselves, on the other hand, they conciliate these expectations with a pragmatic dimension based on previous work experiences in the area and accessibility of the courses.

Palavras-chave: ensino superior, escolhas, educação, Pedagogia

Key-words: higher education, choices, education, Pedagogy



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Escolhas possíveis: trajetórias e expectativas de estudantes brasileiras em uma faculdade privada em São Paulo

1 - Introdução

O sonho do meu pai é ter um filho graduado. Só que o sonho do meu pai era ter um filho graduado em Direito! Quando primeiro eu falei que queria fazer Física, ele achou lindo. Eu queria Física Computacional. Um nome lindo, maravilhoso, meu pai ficou feliz *achando que eu ia ser rica*. Mal ele sabe que físicos, coitados, também não ficam ricos. Quando eu falei que ia fazer Pedagogia, daí ele já desistiu de me encher [risos]. Na verdade, ele falou “Filha, você tem que fazer *alguma coisa que tenha nome! Faz Direito!*” E eu falei: “Deus me livre! Eu não nasci para defender bandido. Sai de mim! Não quero defender ninguém não!” (Daniela, 21 anos, estudante de Pedagogia)

Assim narrava Daniela, em março de 2017, as expectativas de sua família quando decidiu iniciar o ensino superior, matriculando-se no curso de Pedagogia em uma faculdade privada na zona sul da cidade de São Paulo, em local próximo a sua residência. Indo contra as expectativas de seu pai (“*um curso que tenha nome, faz Direito!*”) Daniela optou por Pedagogia, outro curso com grande número de matrículas no Brasil - Direito, Administração e Pedagogia são os três maiores cursos superiores no país nos últimos censos¹.

Em sua narrativa sobre a escolha do curso superior, Daniela se aproximava da perspectiva comumente mobilizada na área de orientação vocacional/profissional, que orienta cada estudante a encontrar suas aptidões, habilidades e gostos. No *Guia do Estudante* (Editora Abril) - principal publicação sobre vestibulares e cursos de ensino superior do país - essa perspectiva é comumente mobilizada. Na edição de 2016, o texto da primeira reportagem do Guia propunha a cada estudante um “mapa do autoconhecimento”: “ninguém se conhece de verdade sem uma análise sincera de sua

¹ Conforme o censo de 2015, os dez cursos com maiores números de matrícula no Brasil foram: Direito (853 mil estudantes matriculados), Administração (766 mil), Pedagogia (655 mil), Ciências Contábeis (358 mil), Engenharia Civil (355 mil), Enfermagem (261 mil), Psicologia (223 mil), Recursos Humanos (177 mil), Serviço Social (172 mil) e Engenharia da Produção (170 mil). Juntos tais cursos concentram 49,8% das matrículas no ensino superior (Inep, 2015).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

personalidade” (p.15). A reportagem do Guia sugeria, nesse sentido, sete pontos para reflexão, entre eles, “quais são suas características pessoais” e “o que você pretende ser quando crescer?”.

Contudo, de uma certa perspectiva das ciências sociais, compreender as escolhas para o ensino superior requer ir além dos *atributos individuais* (como aptidões, habilidades e motivações pessoais), e refletir também sobre a *posição social* dos agentes (dimensões de classe social, gênero, cor/raça, idade, entre outros marcadores sociais da diferença). A trajetória social de cada pessoa articulava de modos diversos esses dois planos, tecendo simultaneamente aspectos objetivos e subjetivos que levariam a determinados caminhos educacionais e profissionais. Tais processos, no entanto, nem sempre são claros ou conscientes, aparecendo às próprias pessoas como a posse, ou não, de um “dom natural”, sancionando “a herança cultural e o dom social” (Bourdieu, 2015, p. 43).

Neste paper, após uma breve reflexão sobre a noção de escolhas nos processos educacionais nas ciências sociais, reflito sobre a temática baseando-me em pesquisa realizada entre estudantes mulheres que, assim como a estudante Daniela, cursavam Pedagogia e Enfermagem entre 2015 e 2017 em uma instituição de ensino superior privada na cidade de São Paulo². Em comum, além da experiência nos cursos e na instituição, elas são a primeira geração de sua família a cursar ensino superior. Trabalhando com as histórias e relatos das estudantes por meio de entrevistas e conversas, argumento que suas escolhas ganham sentido ao compreender simultaneamente *narrativas vocacionais* (“amor”, “vocação”, “aptidão”) e *narrativas pragmáticas* (experiência prévia de trabalho na área, acessibilidade do curso, indicação, localização).

² Pesquisa de doutorado em andamento, no departamento de Antropologia Social da Universidade de São Paulo, Brasil, sob orientação de Heloisa Buarque de Almeida. Neste texto, mobilizo parte da pesquisa de doutorado realizada a partir de conversas e entrevistas com 13 estudantes desses dois cursos (9 estudantes de Enfermagem e 4 de Pedagogia, até o momento) de duas IES privadas em São Paulo, além das experiências etnográficas que tive ao cursar uma semana de cada um desses cursos em 2016 e 2017. Complementado essa parte da pesquisa, no período também participei de grupos de WhatsApp de estudantes de tais cursos. Como contraponto, nas próximas etapas de pesquisa pretendo analisar as expectativas de estudantes de mesmo perfil em outros cursos menos feminizados, como Administração e Direito



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

2- “Educação para escolha”³: breve reflexão sobre a noção de escolha nas ciências sociais

A reflexão sobre a temática das “escolhas” em relação aos processos educacionais, associada à marcadores sociais da diferença como gênero, nacionalidade e classe social, foi um tema relativamente importante nas ciências sociais ao longo do século XX. Nos anos 1920, a antropóloga estadunidense Margaret Mead questionava em *Coming of Age in Samoa* [1928] (1973) as diferenças entre a “educação voltada para a escolha” das jovens norte-americanas, e a educação mais livre e descompromissada das adolescentes de Samoa, no Pacífico Sul, que cultivavam uma “atitude despreocupada em relação à vida” (Mead, 2015, p. 33). Segundo Mead, um dos principais desafios da educação estadunidense era o excesso de peso que se colocava em cada escolha: “nossas crianças crescem para encontrar um mundo de escolhas que ofuscam seus olhos não acostumados” (2015, p. 35). Diante da necessidade incessante de eleger caminhos – profissionais, políticos, afetivos, religiosos – é que surgiriam os conflitos da adolescência: “sabemos que, quanto mais severa a escolha, mais conflito; quanto mais comoção se associa às exigências feitas ao indivíduo, mais neuroses daí resultarão” (2015, p.39)⁴. Preocupada com o excessivo “peso da escolha” [“*burden of choice*”] entre as jovens estadunidenses dos anos 1920, Mead propunha então uma educação mais leve, em que se ensinasse aos jovens o modo de tomar decisões, e não o conteúdo de suas escolhas.

Nos anos 1960, Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron pesquisaram trajetórias educacionais e posições sociais na França. Em análises decisivas para entender as formas de “reprodução social”, enfatizaram o caráter pouco autônomo das chamadas “escolhas do destino”. Entre outros trabalhos, em texto de 1966, “A Escola Conservadora”, Bourdieu apresentava uma visão crítica e pessimista sobre o sistema escolar: ao invés de se realizar como um fator efetivo de mobilidade social, contribuía para legitimar desigualdades sociais já previamente estabelecidas entre estudantes. Ao analisar, por exemplo, o processo de escolha da escola entre filhos de camponeses e filhos das classes dominantes, Bourdieu afirmavam que o que muitas vezes era

³ Tradução de “Education for choice”, título do último capítulo do livro *Coming of Age In Samoa*, de Margaret Mead [1928] (1973).

⁴ Parte importante dessa pressão diante da escolha entre as/os adolescentes estadunidenses, Mead atribui à família: “talvez ali, onde nossa própria cultura é tão carregada de escolhas, seja desejável mitigar, pelo menos em pequena medida, o forte papel que os pais desempenham na vida dos filhos, eliminando assim um dos mais poderosos fatores acidentais nas escolhas de qualquer vida individual” (Mead, 2015, p. 46).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

interpretado como “vontade dos pais” em enviar crianças para uma escola de excelência ou para uma escola de menor prestígio, revelava na verdade a “interiorização do destino objetivamente determinado” (1998, p. 47). Pelas palavras do autor:

De maneira geral, as crianças e sua família se orientam sempre em referência às forças que as determinam. Até mesmo quando suas *escolhas lhes parecem obedecer à inspiração irredutível do gosto ou da vocação*, elas traem a ação transfigurada das condições objetivas (Bourdieu, 1998, p. 49, grifos meus).

Embora nesse texto a ênfase recaia na educação básica, Bourdieu estende suas análises para as escolhas realizados no ensino superior. Assim, toda a vida escolar estaria de algum modo marcada pelas heranças imateriais herdadas da família (em especial, o capital cultural), que desempenhariam um peso muito significativo nas trajetórias educacionais, condicionando as “escolhas” (sempre com aspas) individuais (Bourdieu, 2008). Embora o autor ambicione realizar uma análise que equacione ação individual e posição estrutural – a chamada teoria da prática – sua perspectiva de análise acaba privilegiando esta última, deixando relativamente pouco espaço em suas análises para os significados mais subjetivos atribuídos pelos agentes às suas ações.

Nos anos 1970, aproximando-se de uma perspectiva mais etnográfica - mas igualmente interessado na variável classe social-, Paul Willis em *Aprendendo a ser trabalhador* (de 1977), realizou uma etnografia com estudantes no ensino secundário em uma cidade industrial na Inglaterra. O objetivo da pesquisa era compreender o processo de transição dos jovens da classe trabalhadora para empregos manuais no setor industrial (Willis, 1991). Em análise precursora sobre articulação de marcadores da diferença, Willis relacionou classe social e gênero (além da questão racial), revelando o modo como na compreensão de mundo dos estudantes pesquisados, o trabalho manual estava diretamente ligado a um ideal de masculinidade. Contudo, diferentemente da análise de Bourdieu, Willis, ao ouvir cuidadosamente o que os estudantes tinham a dizer, destacou como na escolha desses rapazes por uma “cultura contra-escolar” e, posteriormente, por trabalhos manuais, revelava-se um esforço de *resistência*. Conforme pontua Willis, seria “demasiado fácil dizer simplesmente que eles não têm escolha” (1991, p.11). Ao acompanhar os estudantes em sua rotina em sala de aula e, posteriormente, no chão de fábrica, Willis percebe como a recusa a qualquer



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

forma de autoridade e o desprezo por trabalhos não manuais, era interpretado como um contraditório processo de resistência e, simultaneamente, de submissão. Conforme sintetiza Willis:

A coisa surpreendente que esse livro tenta apresentar é que há um momento na cultura operária em que a oferta manual da capacidade de trabalho representa tanto uma liberdade, *uma escolha* e uma transcendência, quanto uma precisa inserção num sistema de exploração e opressão para pessoas da classe operária (Willis, 1991, p. 152, grifos meus).

Na perspectiva de Willis, a noção de escolha aparece como marcada pela posição no espaço social (em nenhum momento o autor esquece o lugar dos estudantes enquanto *classe trabalhadora*), porém verifica-se uma maior preocupação de conceder agência e voz a esses jovens, compreendendo os complexos sentidos envolvido em suas ações⁵.

No Brasil, os estudos de Gilberto Velho sobre mobilidade social, com foco nas camadas médias urbanas, também trouxeram contribuições importantes para a reflexão das “escolhas” em diferentes trajetórias. Inspirado nas conceituações de Alfred Schutz sobre o modo como “projetos individuais” desenvolvem-se em “campo de possibilidades” constituídos histórica e socialmente, Velho buscou enfatizar em sua obra a área de manobra que “permite algum exercício de escolha e decisão para agentes individuais” (Velho, 2006, p.8). Afastando-se de uma exaltação da liberdade individual, Velho tampouco queria abrir mão de enfatizar a capacidade de agência desses atores: tratava-se de “analisar essa fascinante dialética entre indivíduos sujeitos e os mundos socioculturais que participam” (2006, p.8).

Tendo tais reflexões teórico-metodológicas como referência, entre outras possíveis, ao longo dessa pesquisa tenho abordado com as/os estudantes pesquisadas três processos de escolha: a escolha por fazer ensino superior, a escolha por um determinado curso de graduação e a escolha por uma instituição de ensino (levando em conta um mercado privado de ensino superior cada vez mais diversificado no Brasil). Paralelamente, estou especialmente atenta ao modo como tais escolhas se

⁵ Nesse sentido, conforme destaca Edson Bertoncelo (2016), ao comparar com Bourdieu, a perspectiva de Paul Willis contribui para “incorporar o componente da *agência* na ação e, com isso, a possibilidade de mudança social” (2016, p. 171).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

correlacionam com marcados sociais da diferença, em especial, de classe social e gênero, mas também de raça e geração, conforme discuto a seguir.

3. Dilemas de entrar em um curso “por amor”: trajetórias e expectativas de estudantes de Pedagogia

“Sempre que você fala para alguém ‘vou fazer pedagogia’, sempre te falam ‘ai, mas você vai ser professora? mas ninguém vai te valorizar’. O Brasil ainda valoriza muito aquela trindade Engenharia, Medicina e Direito. Pro Brasil essas são as faculdades dos sonhos, os melhores empregos. [...] Então a gente é professora por amor, né? Não é por dinheiro não.

(Daniela, 21 anos, estudante de Pedagogia)

O relato de Daniela sobre sua escolha de curso expressa um sentimento frequente entre estudantes de Pedagogia com quem conversei. Em entrevista realizada na praça de alimentação da Faculdade, na terceira semana de aula, Daniela aceitou participar mais ativamente da pesquisa e me contar em detalhe os porquês de sua escolha. Pedagogia, segundo ela, é um curso que “*se faz por amor, não por dinheiro*”. Essa equação entre amor e dinheiro apareceu em diversas conversas e entrevistas, não apenas da área de Pedagogia, mas também na Enfermagem, e revela uma dimensão importante da tensão que envolve o processo de escolha do curso superior no Brasil.

Recentemente, ao acompanhar algumas dessas estudantes na rede social Facebook, a hashtag⁶ ‘#poramor’ passou a ser frequente nas suas publicações em que fazem menção ao curso, revelando a centralidade que essa narrativa apresenta entre algumas estudantes. No caso específico dessa licenciatura, essa equação aparece como pendendo apenas para um lado, já que seria um curso que “sem amor” não se faz, apresentando, ao contrário, baixos rendimentos no mercado de trabalho.

⁶ Hashtag é parte da linguagem comunicacional da internet, muito utilizada atualmente nas redes sociais. Trata-se do uso do sinal # antes de palavras ou frases, gerando uma conexão desse conteúdo com outros similares na rede. Sobre os desafios metodológicos de estender a pesquisa para meios digitais, ver Miskolci (2013).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Daniela retoma sua própria história de vida para refletir sobre essa escolha pela Pedagogia. Lembra como seus pais fizeram grande esforço para lhe pagar uma escola particular desde o ensino infantil, localizada na região do Campo Limpo (zona sul de São Paulo). Quando ela estava entrando no ensino médio, seu pai, cuja profissão é motorista de ônibus, não estava mais conseguindo pagar a mensalidade. Sua mãe, atualmente de profissão auxiliar de limpeza, tampouco. As diretoras da escola então ofereceram à aluna a possibilidade de trabalhar como auxiliar de sala na educação infantil em troca de uma bolsa de estudos. Embora o trabalho com crianças pequenas tenha sido considerado difícil e cansativo, Daniela acabou gostando da experiência.

Quando terminou o Ensino Médio, já com expectativas pessoais e familiares de cursar o ensino superior (seria a primeira da família a ter tal titulação), Daniela teve dúvidas entre cursos de áreas muito diversas. Chegou a pensar em Física, mas percebeu que não tinha afinidades reais com a área de Exatas. Posteriormente, acabou se decidindo por Publicidade, mas após um semestre cursado em faculdade privada pertencente a outro grupo educacional, viu que não era isso o que queria. Em fevereiro de 2017 finalmente decidiu-se por Pedagogia, matriculando-se na instituição onde a conheci.

Logo no primeiro dia de curso na Faculdade, quando fazíamos o tour acompanhadas pela coordenadora do curso para conhecer os espaços e equipamentos da instituição, Daniela me chamou a atenção por seu estilo pessoal ‘alternativo’, diferente da maioria das mulheres ali presentes. Enquanto a tendência da sala era um estilo de vestimenta mais ‘convencional’ (calças jeans, blusinhas e sapatilhas, incluindo nas mãos cadernos em que sobressaiam tons de rosa), Daniela investia num estilo diferente, dando preferência por roupas mais escuras, cadernos pretos, mochila preta, possuía tatuagens e alargadores. Destoava, assim, de um certo estilo de feminilidade comumente associado a estudante de Pedagogia.

Segundo sua narrativa, embora seus familiares estivessem felizes pela nova entrada no ensino superior - seu pai, principalmente, estava bastante orgulhoso -, a escolha por Pedagogia não se deu sem “*decepções na família*”. Conforme relato apresentado na introdução deste texto, o sonho de seu pai era “ter um filho graduado *em Direito*”.

R: E com essa expectativa toda do seu pai, você chegou a pensar em fazer Direito?



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Daniela: Nunca! Nunca! Isso nunca passou pela minha cabeça. Nunca aconteceu de eu sentar assim e falar, “nossa, acho que vou fazer Direito!” [...] Mas agora meu pai está me apoiando, ele já aceitou que ele não manda [risos]. E ele está contente que eu estou na faculdade.

É interessante notar nessa narrativa o esforço por afastar-se da influência paterna, que se realizaria ao ver a filha cursando Direito, considerado por ele como o curso de maior prestígio desse esquema classificatório. Essa percepção não condiz apenas com pai de Daniela, mas trata-se de uma representação histórica sobre esse curso superior no Brasil, relacionado ao status do bacharel “doutor”. E quando se olha para as escolhas de alunos das escolas ‘fortes’ de São Paulo, voltadas para o vestibular, são ainda Direito, Medicina e Engenharia que concentram os melhores estudantes (Bandera, 2016)⁷. Contudo, fica o desafio de compreender porque, mesmo sabendo ser “desvalorizado” e indo contra a vontade de seu pai, Daniela, entre tantas outras estudantes, decidem cursar (e “amar”) Pedagogia. Como compreender tais *narrativas vocacionais*, levando a sério o que essas estudantes estão dizendo?

Contudo, seguindo a trajetória relatada por Daniela, levar a sério suas motivações *vocacionais* não implica em relegar suas motivações *pragmáticas*. Daniela passou grande parte de sua adolescência trabalhando como auxiliar de sala, experiência comum a quase todas as estudantes que conheci na primeira semana de aula entre as calouras de Pedagogia dessa faculdade. Nesses casos, o trabalho na área antecedeu a escolha do curso de ensino superior. Mas, nesse processo, o gosto pela área foi se desenvolvendo, conforme ela próprio narra: “*ter trabalhado como auxiliar de professora também acabou sendo uma influência muito grande nessa escolha.*”

*

Em pesquisa sobre o magistério nos anos 1980, Cristina Bruschini e Tina Amado já se questionavam sobre os discursos vocacionais que as estudantes proferiam, apesar da desvalorização e feminização da área de Educação (Bruschini e Amado, 1988). Segundo questionamentos feitos por essas autoras: “Com tão poucas vantagens, como se explica que o magistério ainda seja visto

⁷ Conforme demonstra Nicolau Bandera (2016) em pesquisa sobre estudantes do último ano do ensino médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, escola pública considerada forte e capaz de preparar para os melhores vestibulares do país, constata-se como se mantém forte entre os estudantes as preferências pelas “três carreiras bacharelescas” (2016, p. 827).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

como sacerdócio ou vocação?”. Empenhadas em desvendar tais narrativas e encontrar explicações para o fenômeno, as autoras concluíam:

Provavelmente porque a ideologia do amor e da dedicação tem justamente por função encobrir as condições concretas em que se dão as relações de trabalho. Esvaziando a carreira de seu conteúdo profissional, leva à quase inexistência de reivindicações de melhores salários e mais poder por parte da categoria. (1988, p. 7).

Se a “quase inexistência de reivindicações” por melhores condições de trabalho na categoria poderia ser verdade nos anos 1980, em 2017 essa não é a realidade, já que professores do ensino básico têm enfrentado constantes lutas e greves por reajuste salarial, melhores condições de trabalho e, recentemente, por reconhecimento de suas especificidades na discussão sobre a Reforma da Previdência. Conforme as movimentações contra as reformas propostas em 2017 expressaram, os professores da rede pública e da rede particular tiveram intensa mobilização, por exemplo, na Greve Geral de 28 de abril de 2017 realizada em São Paulo⁸. Assim, atualmente não se poderia afirmar a “inexistência de reivindicações” no setor. Contudo, Bruschini e Amado detém parcela de razão, ao meu ver, ao mostrar como a íntima relação entre pedagogia e gênero encobrem algumas naturalizações sobre cuidado como algo eminentemente feminino, conforme discutirei adiante.

Em pesquisa recente, entre bolsistas do Prouni em uma universidade privada na zona sul da cidade de São Paulo conduzida por Henrique Costa (2015), o perfil de estudantes do curso de Pedagogia também revelou algumas características comuns: eram mulheres com perfil etário variado (metade delas com mais de 30 anos, algumas com filhos), moravam na periferia da zona sul da capital e ocupavam “posições de baixa qualificação em suas trajetórias” (2015, p. 84). Em comparação com os estudantes de Tecnologia (que não apresentavam um discurso motivacional similar), as estudantes de Pedagogia revelavam “algum senso de vocação e um ideal mais ‘nobre’ de inserção no mercado” (Costa, 2015, p. 85).

⁸ Sobre a mobilização dos professores na Greve Geral de abril de 2017, conferir, por exemplo, informações divulgadas no site do Sindicato dos Professores da Rede Privada de São Paulo (Sinpro) http://www.sinprosp.org.br/noticias.asp?id_noticia=2679.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os pesquisadores Claudio Nogueira e Flávia Pereira (2010) também se debruçam recentemente sobre o processo de escolha de curso entre estudantes de Pedagogia. Conforme pontuam os autores, nas teorias sociais sobre trajetórias educacionais e escolhas – diferentemente da área de orientação vocacional – é recorrente a conclusão de que as decisões tomadas por diferentes indivíduos não seriam expressões de um gosto autônomo; derivariam, ao contrário, das condições de sua realização. Nessa direção, tanto na perspectiva bourdieusiana, quanto nas teorias da escolha racional, por exemplo, deparamos com visões desencantadas do mundo, em que as escolhas seriam tomadas em função de estratégias, sejam elas conscientes ou inconscientes. Retomando as análises de Pierre Bourdieu, conclui-se que “aprendemos a amar o que é possível ou mais provável” (2010, p.16). No que se refere às escolhas no ensino superior, Nogueira e Pereira retomam como tais teorias apontam para duas conclusões básicas: primeiro, que o perfil dos estudantes varia fortemente de acordo com o curso frequentado; segundo, de que existe um complexo “processo de autosseleção”, no qual os indivíduos se antecipam as seleções formais entre cursos e instituições, privando-se de reprovações e inacessibilidade. Mas como entender, por exemplo, que estudantes de perfil social e escolar mais elevados optem por Pedagogia, considerado um curso desvalorizado nessa hierarquia? Porque não teriam escolhido cursos mais seletivos e com maiores retornos econômicos e simbólicos?

Debruçando-se sobre essa questão, Nogueira e Pereira entrevistaram diferentes estudantes de perfil mais elevado do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), analisando como constituíram um *gosto* especial pela área de Educação. Concluem que por meio de uma análise atenta das trajetórias familiares e escolares de tais estudantes, desvendam-se caminhos complexos, que não podem ser reduzidos a explicações que compreendem o gosto como meros produtos de uma adaptação dos agentes às suas posições sociais objetivas. Assim, enquanto algumas alunas escolheram Pedagogia por que de fato não haviam passado nos vestibulares de cursos mais prestigiosos, outras relataram um interesse genuíno pela área de Educação. Desse modo, em alguns dos casos, “parece existir um gosto autêntico, que antecede o momento da escolha e que não se reduz a uma simples adaptação às condições objetivas” (2010, p.34).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Retornando às narrativas das estudantes que participaram de minha pesquisa, também Aline, 27 anos, tinha uma história envolvente sobre a sua escolha pela área de educação: “*A pedagogia já entrou na minha vida desde quando eu entrei na primeira série. Quando eu bati o olho na minha primeira professora, com sete anos, eu falei que eu ia ser igualzinha a ela. De lá pra cá eu nunca mudei de ideia*”. Não tendo conhecido o pai, e sua mãe de escolaridade ensino fundamental incompleto, Aline via nessa possibilidade de qualificação profissional um grande sonho. No entanto, esse ‘destino’ teve que esperar. Durante o ensino médio Aline engravidou, tendo que trancar a matrícula na escola. Posteriormente, já casada, retornou aos estudos, mas engravidou novamente. Com 26 anos finalmente conseguiu concluir o ensino médio, matriculando-se na faculdade onde nos conhecemos.

No entanto, Aline sabia que essa escolha não vinha sem outras preocupações: desvalorização da carreira, salários relativamente baixos, falta de incentivo por profissionais que já estão na área: “*quando eu estava estudando, ano passado, no ensino médio, os próprios professores me falavam: desiste disso, vai fazer outra coisa!*”. Conforme ela recordava, até mesmo o professor da faculdade alertava às alunas sobre os riscos de seguir em um curso de menor presítigio acadêmico: “*Até um professor nosso falou esses dias “ou é por amor, porque você gosta mesmo de pedagogia, ou você vai se dar mal lá na frente. Se você estiver aqui por uma escolha casual, porque não tinha outra coisa, você vai se dar mal lá na frente. Se você não tem amor, aquilo dentro de você, sai fora enquanto é tempo...”*”

4 - Considerações finais: entre narrativas vocacionais e narrativas pragmáticas

Neste texto, ainda uma versão parcial de pesquisa em andamento, quis chamar a atenção para o modo complexo em que se dá o processo de escolha do curso de ensino superior. Objetivo, assim, visibilizar a sobreposição de *narrativas vocacionais* com *narrativas pragmáticas*, evidenciando um esforço por parte das estudantes pesquisadas de fugir das armadilhas de uma régua única que mediria o sucesso escolar e profissional como exclusivamente voltado aos rendimentos financeiros.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No caso específico das estudantes aqui apresentadas, ainda que em cursos e instituições relativamente desvalorizados, elas também encontram sentidos de *resistência* em suas narrativas. Para além de pessoas que, consciente ou inconscientemente, fizeram escolhas socialmente marcadas por suas trajetórias, busquei enfatizar os complexos sentidos atribuídos à escolha do curso, os quais, no caso de Pedagogia, não escapam de certo idealismo ao acreditar no papel transformador da Educação, em algum sentido de vocação e na expectativa de convivência profissional interessada com crianças.

Tomando as trajetórias de duas estudantes como referência - Daniela e Aline - trata-se de compreender os sentidos que acessar o ensino superior apresentam em suas trajetórias - ambas as primeiras de suas famílias a entrar na luta por um diploma de ensino superior. Apesar da expansão - e privatização - do sistema de ensino superior no Brasil nos anos 2000 (Sampaio, 2014; Almeida, 2014), essa fase de ensino segue sendo privilégio de poucos, de modo que o diploma ainda se constitui como documento distintivo no Brasil.

No que se refere especificamente à licenciatura em Pedagogia, é importante lembrar que é o curso com a maior concentração de mulheres (92% em 2015) (Inep, 2015) e menor remuneração média do mercado de trabalho de nível superior⁹. Embora inicialmente masculina no século XIX, à medida que a profissão foi se institucionalizando (e se desvalorizando), foi se tornando cada vez mais feminina (Louro, 2001). Compreender seu recrutamento atual entre mulheres jovens e adultas de classes baixa e média-baixa certamente requer uma análise articulada de marcadores sociais da diferença, gênero e classe social em especial (McClintock, 2010; Hirata, 2014).

Assim, em seus relatos sobre a escolha do curso, as estudantes Daniela e Aline buscavam valorizar suas decisões, valorizando no mesmo passo essa área profissional fundamental em qualquer sociedade, mas que no Brasil ainda sofre com baixos salários e desvalorização. Conforme dizia Daniela em entrevista: “*o que falta pra gente é ser valorizado. Eles valorizam tanto Medicina e Direito, mas custa entender que não existiria médico ou advogado sem professor*”.

⁹ Segundo pesquisa realizada pelo IPEA em 2013, Medicina era o curso que garantia maiores rendimentos, calculados como de R\$8.459, em média. Comparativamente, os salários da área de educação foram calculados nessa pesquisa como sendo, em média, de R\$2.420 e em enfermagem, em média, R\$3.495 (Ipea, 2013).



**XXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Wilson. 2014. *Prouni e o ensino superior privado lucrativo em São Paulo*. São Paulo: Musa Editora.
- BANDERA, Nicolau Dela. 2016. “A Escolha da tradição: o campo dos possíveis para os estudantes do IFSP”. *Educação e Realidade*. V.41, n.3, pp. 809-832.
- BERTONCELO, Edison. 2016. “Classes sociais, cultura e educação”. In: *Novos Estudos* 104, março de 2016.
- BOURDIEU, Pierre. 1998 “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura” In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- BRUSCHINI, Cristina e AMADO, Tina. 1988. “Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério”. *Cadernos de Pesquisa*, vol. 64, pp.4-13.
- COSTA, Henrique Bosso. 2015. *Entre o lulismo e o ceticismo: um estudo de caso com prounistas em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo.
- INEP. 2015. “Apresentação - Censo da Educação Superior 2015”. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/centso_superior/apresentacao/2015/Apresentacao_Censo_Superior_2015.pdf, acesso em 15/10/2016.
- IPEA. 2013. “Radar: Tecnologia, produção e comércio exterior. N.27 – Especial Perspectivas profissionais – níveis técnico e superior”. Disponível em http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3485/1/Radar_n27.pdf, acesso em 30/03/2017.
- HIRATA, Helena. 2014. “Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais”. *Tempo Social*, vol. 26, n.1, São Paulo, jun/2014, p. 61-74.
- LOURO, Guacira. 2001. “Mulheres na sala de aula”. In: PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Ed. Unesp e Ed. Contexto.
- MCCLINTOCK, Anne. 2010. *Couro Imperial: raça, sexualidade e gênero no embate colonial*. Campinas, Editora Unicamp.
- MEAD, Margaret. 1973. *Coming of age in Samoa*. New York/USA, Morrow Quill Paperbacks.
- _____. 2015. “A adolescência em Samoa”. In: CASTRO, Celso (org). *Cultura e personalidade*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar.
- MISKOLCI, Richard. 2013. “Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais”. *Revista Cronos*, v.12, n.2, pp. 9-22.
- NOGUEIRA, Claudio. 2004. “Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: o processo de escolha do curso superior”. Tese de doutorado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.
- NOGUEIRA, Claudio e PEREIRA, Flávia. 2010. “O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado”. *Educação em Revista*, vol.26, n.3. *quisa*. V.37, n.132. pp. 595-609.
- SAMPAIO, Helena. 2014. “Diversidade e diferenciação no ensino superior no Brasil: conceitos para discussão”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 29, n.84, fev/2014, pp.43-55.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VELHO, Gilberto. 2006. "Ciências sociais e biografia individual". *Estudos Históricos*, n.38, p.3-9.

_____. 2013. *Um Antropólogo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

WILLIS, Paul. 1991. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.